

# A ÚLTIMA GRAVAÇÃO

ato único de SAMUEL BECKETT

traduzido por JURANDIR DINIZ JUNIOR



Um remoto crepúsculo no futuro.  
Na toca de Krapp.

No meio do proscênio uma pequena mesa de duas gavetas que abrem para o auditório. Sentado à mesa, encarando a platéia, isto é, em transversal às gavetas, um velho esgotado: KRAPP.

Usa calças pretas, curtas e emboloradas, pequenas demais pra ele. Colete preto, também embolorado, sem mangas, com quatro bolsos grandes. Um peso-do relógio de prata com corrente. Camisa branca, ensebada, aberta no pescoço, sem colarinho. Curioso par de encardidas botas brancas, tamanho grande, muito curtas e pontudas. Rosto branco. Nariz purpúreo. Cabelo minsa e desordenado. Barba por fazer. Muito míope (mas sem óculos). Escuta com dificuldade. Voz de taquara rachada. Entonação característica. Andar penoso.

Sobre a mesa, um gravador de fita cassete com microfone e certo número de caixas de papelão contendo rolos de fitas gravadas. A mesa e a área de suas imediações estão sob forte luz branca. O resto do palco, na obscuridade.

KRAPP permanece imóvel por um instante, suspira profundamente, consulta seu relógio, vasculha os bolsos, retira um envelope, torna a guardá-lo, vasculha, retira um pequeno molho de chaves, ergue-o à altura dos olhos, escolhe uma chave, levanta-se e vai para a frente da mesa. Para, abre a primeira gaveta, espia, apalpa seu interior, retira uma fita cassete, examina-a, guarda-a de volta, fecha, abre a segunda gaveta, espia, apalpa seu interior, retira uma grande banana, examina-a, fecha, guarda as chaves no bolso. Volta-se, avança até a ribalta, detém-se, acaricia a banana, descasca-a, abandona a casca no chão, a seus pés, põe a ponta da banana na boca e permanece imóvel, olhando para o nada. Finalmente morde a ponta da banana, volta-se e começa a andar de um lado para o outro, sem sair de sob a luz, isto é, não mais do que quatro ou cinco passos em cada direção, mastigando a banana meditativamente.

Pisa na casca, escorrega, quase cai, equilibra-se, empurra-a com o pé pra fora do palco, na platéia.

Retoma sua caminhada, termina a banana, volta pra mesa, senta-se, permanece imóvel por um instante, suspira profundamente, retira as chaves do bolso, ergue-as à altura dos olhos, escolhe uma chave, levanta-se e vai para a frente da mesa, abre a segunda gaveta, retira uma outra grande banana, examina-a, fecha a gaveta, guarda as chaves no bolso, volta-se, avança até a ribalta, detém-se, acaricia a banana, descasca-a, joga a casca fora do palco, na platéia, põe a ponta da banana na boca e permanece imóvel, fitando o vazio na sua frente. Finalmente tem uma idéia, põe a banana num dos bolsos do colete, a ponta ficando de fora, e vai com toda a velocidade de que é capaz pro fundo da cena que está no escuro. Dez segundos. Bepocar de uma rolha. Quinze segundos. Volta pra luz carregando um velho livro de registro, senta-se à mesa. Pousa o registro na mesa, limpa a boca, passa as mãos na frente do colete, esfrega uma palma na outra.

KRAPP : (com vivacidade) Ah! (debruça-se sobre o registro, vira as páginas, localiza o que procura, lê) Arquivo ... três ... cassete... cinco... (Ergue a cabeça e olha espantado pra frente. Curtindo.) Cassete! (pausa) Caaaasete! (sorriso feliz. Pausa. Debruça-se sobre a mesa, começa a examinar e apalpar os arquivos.) Arquivo ... três ... três... quatro... dois... (com surpresa) nove! Bom Deus! ... sete ... ah! Esse crápula! (Pega um arquivo, examina com atenção) Arquivo três. (Deposita-a sobre a mesa, abre-a e examina as fitas cassete que encontra) Cassete... (Consulta o livro) ... cinco... (confere o cassete) ... cinco... cinco... ah! Esse velhaco. (Tira uma e examina com atenção) Cassete cinco. (Deposita-o sobre a mesa, fecha o arquivo três, coloca-o de volta junto aos demais, pega o cassete) Arquivo três, cassete cinco. (Debruça-se sobre o gravador, esfrega as mãos) Ah! (Examina o livro, lê a nota de rodapé) Mamãe no último repouso... Hmm ... A bola preta ... (Ergue a cabeça, encara o nada. Perplexo.) Bola preta? ... (Examina novamente o livro, lê.) A aia secreta... (ergue a cabeça, medita, examina novamente o livro, lê.) Ligeira melhora no estado intestinal ... Hmm... Memorável... o quê? (Examina mais de perto.) Equinócio, memorável equinócio. (Ergue a cabeça, encara o vazio. Perplexo.) Memorável equinócio? ... (Pausa. Encolhe seus ombros, examina novamente o livro, lê.) Despedida do (virando a página) amor.

(Levanta a cabeça, medita, debruça-se sobre o gravador, liga-o e assume a pose de ouvinte, isto é, ombros pra frente, cotovelos sobre a mesa, mão na orelha em forma de concha direcionada para o gravador, rosto voltado para o auditório.)

GRAVAÇÃO : (Voz forte, um tanto solene, notadamente de Krapp há muito tempo atrás) Trinta e nove anos hoje, sólido como uma urna (ao assentar-se mais confortavelmente, derruba uma das caixas da mesa, chinga, desliga o aparelho, atira caixas e livro violentamente no chão, volta a gravação para o início, liga o gravador, retoma a pose.) Trinta e nove anos, sólido como uma rocha apesar do meu velho ponto fraco, intelectualmente falando, agora tenho muitas razões pra me considerar no ... (hesita) meu apogeu... ou muito perto dele. Comemorou-se o evento lamentável como de costume, na taverna, em silêncio. Nenhuma alma viva. Sentado perto do fogo, com os olhos fechados, tentando fazer um balanço. Cheguei a rabiscar qualquer coisa no verso dum envelope. Bom estar de volta à minha toca, no aconchego dos meus trapos. Acabo de comer, lamento informar, três bananas e com muito sacrifício me absteve da quarta. Puro veneno para um homem na minha condição. (Com veemência.) Corte! (Pausa) A nova luz encima da mesa é uma grande melhoria. Com toda essa escuridão me rodeando, me sinto menos solitário. (Pausa) De certo modo. (Pausa) Adoro levantar, dar uma voltinha e depois voltar aqui a ... (hesita) mim mesmo. (Pausa) Krapp. (Pausa) Me pergunto o que ficou de tudo isso? Qual o sentido... (hesita) O que resta são todas as coisas que ainda valem a pena apesar deste barro que vai voltar a ser pó. Fecho os olhos e tento imaginar coisas boas. (pausa) Krapp fecha os olhos brevemente.) Faz um extraordinário silêncio neste anoitecer, mesmo aguçando os ouvidos não se ouve um único suspiro. A velha senhora McGlome sempre canta a esta hora. Mas não nesta noite. Canções do tempo do onça, de quando era pequena, diz ela. É difícil pensar nela como uma menina. Apesar de tudo, uma mulher maravilhosa.

Uma Connaught, suponho. (Pausa) Será que eu cantarei assim quando tiver a idade dela - se é que vou durar tanto? Não. (Pausa) Eu cantava quando era um menino? Não. (Pausa) Cheguei a cantar alguma vez? Nunca. (Pausa)

Acabei de ouvir um ano longínquo, passagens ao acaso. Não conferi no livro, mas deve remontar a dez ou doze anos atrás. Naquela época acho que estava morando com Bianca na rua Kedar. Deus do céu: daquela eu escapei! Era uma mau negócio. (Pausa) Nada sobre ela, a não ser uma homenagem a seus olhos. (Pausa) Muito ardentes. De repente torno a vê-los novamente. (pausa) Incomparáveis! (Pausa) Enfim... (Pausa) Estas evocações antigas são medonhas, mas convivem comigo amiúde. (Krapp desliga o gravador, medita, torna a ligar) Um fôlego antes de amebarcar numa nova... (Hesita) retrospectiva. Difícil acreditar que eu fui um dia aquela cria desamparada. A voz! Jesus! E aquelas esperanças! (Risada breve à qual se junta a de Krapp) E aquelas planos! (Risada breve à qual se junta a de Krapp) Beber menos, em especial. (Apenas a risada breve de Krapp) Estatísticas. Mil e setecentas horas fora o precedente das oito mil adicionais, consumidas em ninharias esparsas. Mais de vinte por cento, digamos quarenta por cento de sua vida acordada. (pausa) Projeto de uma vida sexual menos ... (hesita) absorvente. A derradeira moléstia de seu pai. A busca indecisa da felicidade. Quimera inacessível. Sarcasmos sobre o que ela chama sua juventude e agradece a Deus por tudo ter se acabado. (Pausa) Aqui um falso elo. (Pausa) Sombras da obra... prima. Encerrando com um (Risada breve) ganido para a destino. (Risada prolongada à qual se junta a de Krapp) O que restou de toda esta miséria? Uma garota com um casaco verde gasto, numa plataforma de estação de ferro? Ou não? (Pausa) Quando olho -

(KRAPP desliga o aparelho, medita, consulta seu relógio, levanta-se, vai até o fundo da cena que está no escuro. Dez segundos. Espocar de uma rolha. Dez segundos. Segunda rolha. Dez segundos. Terceira rolha. Dez segundos. Irrompe subitamente uma trêmula canção.)

KRAPP : (cantando) Agora que o dia morreu  
De mancha em mancha  
as sombras  
chegam com a noite

Acesso de tosse. Volta pra luz, senta-se, limpa a boca, liga o aparelho, retoma a pose de ouvinte.)

RAVAÇÃO : Retorno ao ano passado, tomara que levando ainda aquele brilho nos olhos tristes; ainda existe a casa no canal, onde mamãe esperou a morte chegar, naquele outono demorado, após uma longa viuvez. (Krapp estremece), e o - (Krapp desliga o gravador, volta a fita atrás, aproxima seu ouvido do aparelho e torna a ligá-lo) - esperava a morte chegar, após uma longa viuvez, e o -

Krapp desliga o gravador, levanta a cabeça, olha para o vazio. Seus lábios balbuciam as sílabas da palavra viuvez. Nenhum som. Levanta-se, vai para o fundo da cena no escuro, retorna com um enorme dicionário, deposita-o sobre a mesa, senta-se e procura a palavra.)

RAPP : (lendo o dicionário) - Estado - ou condição - de quem está - se permanece - viúvo - ou viúva. (Levanta a cabeça. Perplexo) Está - ou permanece? ... (Pausa. Folheia novamente o dicionário. Lê.) Traje solene da viuven? ... Diz-se também de um animal, de um pássaro para ser preciso... A plumagem negra do macho... (Levanta a cabeça. Com prazer.) Pássaro enlutado!

Pausa. Fecha o dicionário, liga o gravador, retoma a postura de ouvinte)

RAVAÇÃO : - banco perto da represa de onde eu podia ver sua janela. Ali eu me sentava, ao vento aberto, desejando que ela se acabasse. (Pausa) Nenhuma alma viva, apenas alguns pracinhas, amas secas, moleques, velhos, cães. Acabei por conhecê-los muito bem - só de vista, é claro! Lembro-me em especial duma jovem morena e bela, com uma palidez feita com pó-de-arroz, seios incomparáveis, em purrando um carrinho com sapota negra, a coisa mais fúnebre. Sempre que eu olhava na sua direção, surpreendia-a olhando pra mim. Mas quando me encorajei o suficiente pra falar com ela - sem ter sido apresentado - ameaçou chamar a polícia. Como se eu quisesse lhe fazer mal. (Riso. Pausa.) A cara dela! Os olhos! Como... (hesita) crisólitos! (Pausa) Enfim... (Pausa) Lá estava eu quando - (Krapp desliga o gravador, medita, liga-o novamente) - a persiana doi suspensa, uma dessas coisas sujas e pardacentas que encolhem, no momento exato em que jogava uma bola pra um cachorrinho branco. Aconteceu que eu levantei a cabeça e lá estava. Tudo acabado e concluído, afinal. Fiquei sentado por mais alguns momentos com a bola na mão e o cachorro latindo e pedindo com as patas em cima de mim. (Pausa) Momentos. Seus momentos, meus momentos. (Pausa) Os momentos do cachorro. (Pausa) No final eu lhe entreguei a bola e ele a apanhou com a boca, delicado, delicado. Uma bola de borracha, velha, negra, dura, sólida. (Pausa) Eu a sentirei na palma da mão enquanto viver. (Pausa) Poderia tê-la guardado. (Pausa) Mas eu a entreguei ao cão. (Pausa) Enfim... (Pausa)

Espiritualmente falando, um ano de profunda obscuridade e miséria até que naquela memorável noite em Março, na beira do cais, no vento uivante, nunca me esquecerei, quando de repente eu compreendi tudo. As coisas muito claras. Penso eu que isto seja o mais importante pra gravar nessa noite, agora que o meu trabalho está pra terminar e talvez nada sobre em minha memória, ardente ou fria, pro milagre que... (hesita) pro fogo que a acendeu. O que de repente eu vi então foi isso, que a crença que guiou toda minha vida, a saber - (Krapp desliga com impaciência, faz a fita avançar, torna a ligar o aparelho) - grandes pedras de granito, a espuma flutuando na luz do farol e o anemômetro girando como uma hélice, finalmente ficava claro pra mim que a escuridão que sempre lutei por conservar era na realidade meu mais (Krapp desliga com impaciência, faz a fita avançar, torna a ligar) - indestrutível associação até meu último suspiro da tempestade e da noite com a luz do entendimento e o fogo - (Krapp pragueja, desliga o aparelho, faz a fita avançar, torna a ligar)

Meu rosto entre seus peitos e as mãos explorando seu corpo. Nós ficamos ali sem nos mover. Mas por baixo tudo se movia e mechia conosco, delicadamente, de alto a baixo e de lá pra cá. (Pausa) Passa da meia-noite. Nunca senti tamanho silêncio. A terra podia ser desabitada. (Pausa) Aqui termino

(KRAPP desliga o gravador, volta a fita, torna a ligar.)  
 - no alto do lago, com o barco, remei próximo à margem, depois em purrei-o para a corrente e deixei ir à deriva. Ela estava estendida sobre as tábuas do fundo com suas mãos debaixo da cabeça e os olhos fechados. O sol ardente, um pouco de briza, a água agradável - vel e vivaz. Notei um arranhão na sua coxa e perguntei-lhe como tinha feito aquilo. Colhendo groselhas, ela respondeu. Eu ainda disse que tudo aquilo me parecia sem esperança e que não era sensata prossaguirmos. E ela concordou sem abrir os olhos. (Pausa) Pedi para que olhasse pra mim e após alguns instantes - (pausa) - após alguns instantes ela olhou, mas com olhos semicerrados por causa da claridade. Inclinei-me sobre ela pra fazer sombra e então os olhos se abriram. (Pausa. Lícito.) Deixaram-me entrar. (Pausa) Derivávamos por entre caniços e encalhamos. O modo como elas se abaixavam, suspirando diante da proa! (Pausa) Deitei com meu rosto entre seus peitos e as mãos explorando seu corpo. Nós ficamos ali sem nos mover. Mas por baixo tudo se movia e mechia conosco, delicadamente, de alto a baixo e de lá pra cá. (Pausa) Passa da meia-noite. Nunca senti -

(KRAPP desliga o gravador, medita. Finalmente ele vasculha os bolsos, encontra uma banana, tira fora, espia, guarda-a, vasculha, tira o envelope, consulta seu relógio, guarda o envelope e vai pra parte não iluminada do palco. Dez segundos. Ruído de garrafa contra vidro, depois breve ruído de sifão. Dez segundos. Novamente apenas o ruído de garrafa contra vidro. Dez segundos. Ele volta vacilante para a luz, vai pra frente da mesa, retira as chaves do bolso, ergue-as à altura dos olhos, escolhe uma chave, abre a primeira gaveta, espia, enfia a mão, tira fora uma bobina, espia, fecha a gaveta, coloca as chaves de volta no seu bolso, vai sentar-se, tira o cassete do gravador, coloca-o sobre o dicionário, coloca o cassete virgem no gravador, tira o envelope do bolso, consulta o verso, coloca-o sobre a mesa, liga o gravador, limpa a garganta e começa a gravar.)

KRAPP : Acabei de ouvir esse imbecil estúpido por quem eu me tomava há 30 anos, custa acreditar que eu tenha estado mau assim. Graças a Deus que tudo isso já passou. (Pausa) Os olhos que ela tinha! (Divaga, percebe que está gravando o silêncio, desliga o gravador, divaga. Finalmente.) Tudo estava lá, todas as coisas, toda - (Percebe que o aparelho não está gravando, liga-o) Tudo estava lá, todas as coisas na carcaça desse velho planeta, toda a luz e a sombra e a fome e a comilança dos... (hesita) séculos! (Num grito) Sim! (Pausa) Deixar aquilo escapar! Jesus! Tire as tarefas dos pensamentos! Jesus! (Pausa. Cansado.) Bem, talvez ele estivesse certo. (Pausa) Talvez ele tivesse razão. (Medita. Percebe e desliga o gravador. Consulta o envelope) Oras! (Amassa-o e joga fora. Medita. Liga o gravador) Nada a dizer, nem um grito sequer. O que é um ano agora? É como ruminar um vômito azedo. (Pausa) Desgastei a palavra cassette. (Com prazer) Caaassete! O momento mais feliz dos últimos quinhentos mil. (Pausa) Dezessete cópias vendidas, das quais onze a preço de custo para as bibliotecas públicas de além-mar. Ficando conhecido. (Pausa) Uma libra, seis kelins e alguns trocados, oito, nem sei ao certo. (Pausa) Arrastei-me lá fora uma ou duas vezes antes do verão esfriar. Sentado no parque, tiritando, mergulhado em sonhos e torcendo pra acabar. Nem uma alma viva. (Pausa) Últimos caprichos. (Veemente) Pra recalcar! (Pausa) Queimei as pastas nas lendo Effie novamente, uma página por dia, os olhos marejando

outra vez. Effie... (Pausa) Poderia ter sido feliz com ela no mar Báltico, os pinheiros e as dunas. (Pausa) Poderia? (Pausa) E ela? (Pausa) Oras! (Pausa) Fanny veio uma vez ou outra. Uma assombração em forma de velha meretriz esquelética. Não pude fazer muito, mas acho que foi melhor do que um pé no saco. A última vez não foi tão mau assim. Como consegue dar conta, disse ela, na sua idade? Respondi-lhe que me guardei pra ela a vida toda. (Pausa) Fui às Vésperas mais uma vez, como quando eu usava calças curtas.

(Pausa. Canta) Agora que o dia morreu  
De mancha em mancha  
as sombras  
chegam com a noite - (tosse, depois quase inaudível)  
no escuro  
que apaga todo o céu.

(Ofegante) Adormeci e cai do banco. (Pausa) Muitas vezes me perguntei à noite se um último esforço não poderia - (Pausa) Ah, termine o seu pileque agora e vá pra sua cama. Ou fique por aí. (Pausa) Fique por aí. (Pausa) Arranje um canto no escuro, de papo pro ar. Volte ao vale na véspera de Natal, colha azevinho de bagas vermelhas. (Pausa) Volte à beira do Croghan num domingo de manhã, com a cadela, pare e ouça os sinos entre a bruma. (Pausa) E assim por diante. (Pausa) Volte sempre, volte sempre. (Pausa) Toda essa eterna miséria. (Pausa) Uma vez só é pouco. (Pausa) Mete as caras.

Pausa longa. Ele inclina-se de repente sobre o gravador, desliga-o, arranca a fita, atira-a longe, coloca outra, faz avançar até a passagem que procura, liga, escuta admirado.)

RAVAÇÃO : - groselhas, ela respondeu. Eu ainda disse que tudo aquilo me parecia sem esperança e não seria bom continuar e ela concordou sem abrir os olhos. (Pausa) Pedi para que olhasse pra mim e após alguns instantes - (pausa) - após alguns instantes ela olhou, mas com olhos semicerrados por causa da claridade. Inclinei-me sobre ela para fazer sombra e eles se abriram. (Pausa. Lícito.) Deixaram-me entrar. (Pausa) Derivávamos por entre caniços e encaíhamos. O modo como eles se abaixavam, suspirando diante da proa? (Pausa) Deitei com meu rosto entre seus peitos e as mãos explorando seu corpo. Nós ficamos ali deitados sem nos mover. Por baixo tudo se movia e mechia conosco, delicadamente, de alto a baixo e de lá pra cá.

Pausa. Os lábios de KRAPP se movem. Nenhum ruído.)

Passa da meia-noite. Nunca senti tamanho silêncio. A terra podia ser desabitada.

(Pausa)

Aquí termino esta fita. Arquivo - (pausa) - três, cassete - (pausa) - cinco. (Pausa). Talvez meus melhores anos já tenham passado. Quando ainda havia uma chance de felicidade. Mesmo assim não gostaria que retornassem. Agora que tenho esse fogo dentro de mim. Não, eu não queria nunca que voltassem.

KRAPP imóvel e admirado. A fita corre em silêncio.)

- P A N O -

traduzido em  
30.12.1982/SP